

## Tradução, futebol e o flagrante da *relação*

Translation, Football and the Disclosure of *Relation*

**Mauricio Mendonça Cardozo**

CNPq; Universidade Federal do Paraná, Curitiba/Brasil  
Doutorado em Letras, USP/Universidade de Leipzig  
maumeluco@gmail.com

**RESUMO:** Partindo do pressuposto de que o futebol e a tradução, apesar de seu pertencimento a esferas tão distintas da cultura e da sociedade, são dois fenômenos culturais de grande impacto, relevância e abrangência, este ensaio tem como objetivo experimentar diferentes possibilidades de aproximação entre os domínios da tradução e do futebol, com o objetivo de demonstrar como esses dois universos, apesar de aparentemente tão incomensuráveis, têm mais coisas em comum do que poderíamos suspeitar, bem como de identificar perspectivas de aproximação que nos permitam tomar por base algumas das experiências do domínio da tradução para enxergar, com outros olhos, algumas das questões do mundo do futebol, e vice-versa, com destaque à questão da relacionalidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução; Futebol; Relação.

**ABSTRACT:** Assuming that football and translation, despite their belonging to such different spheres of culture and society, are two cultural phenomena of great impact, relevance and extension, this essay aims at experimenting different possibilities of approximation between the domains of football and of translation, in order to demonstrate how these two universes have more in common than we might suspect, and to identify productive ways of approximation that allow us resignifying the issues of each domain from a different point of view, highlighting the issue of relationality.

**KEYWORDS:** Translation; Football; Relation.

Começo este ensaio como quem, apreensivo, está prestes a entrar em campo. Faço um breve aquecimento das questões que me inquietam, alongo algumas das minhas ideias mais arriscadas e, para não perder o fôlego já nos minutos iniciais da partida, procuro moderar o velho entusiasmo diante de uma bola ou de uma boa ideia. E se, nesses gestos preliminares, acuso certa carga de apreensividade, é porque só posso jogar esse jogo, só posso ocupar os espaços dessa cancha com uma formação alternativa, como alguém que se propõe a pensar o futebol a partir da experiência em seara muito distante e distinta, a saber: a do campo teórico da pesquisa em tradução. Embora a ideia de pensar o futebol de um ponto de vista que possa conciliá-lo à tradução seja algo inusitado,<sup>1</sup> esta é a proposta deste ensaio, que se esboça, assim, como uma *partida* de futebol com tradução.

Muito por acaso, na sexta-feira dia 06 de setembro de 2019, enquanto eu assistia ao jogo da seleção alemã de futebol contra o selecionado neerlandês – partida válida pelas eliminatórias europeias –, percebi que havia em campo um jogador que, muito sugestivamente, chamava-se *Babel*: Ryan Babel, atleta de ascendência surinamesa, camisa 11 da seleção neerlandesa. O que logo me chamou a atenção não parecia despertar a atenção de mais ninguém ao meu redor. E, para mim, não se tratava de mero detalhe, afinal: Babel estava em campo, mas não apenas o jogador; Babel estava em campo, e não apenas no sentido figurado dos selecionados cada vez mais internacionais e multilíngues. Babel de fato havia entrado em campo e jogava futebol. Naquele instante, embora admitisse o caráter tanto fortuito quanto sobredeterminado da impressão, achei por bem entender que o universo conspirava em meu favor, chancelando o caráter incomum desta proposta.

Ensaíar aqui uma espécie de partida de futebol com tradução não significa, porém, fazer apenas uma série de aproximações incidentais entre os diferentes mundos do futebol e da tradução. Trata-se, antes, de experimentar diferentes possibilidades de aproximação entre esses dois domínios tão diferentes, com o objetivo de encontrar perspectivas de aproximação que se revelem produtivas

---

<sup>1</sup> Ainda que inusitado, não se trata, absolutamente, de associação inédita, a exemplo da tese de doutoramento de Christian Schwartz, intitulada *Futebol em tradução: narrativas impressas como tradução do acontecimento futebolístico e imaginação do estilo em comunidades locais e nacionais*, defendida na Universidade de São Paulo, em 2014, que desenvolve a ideia de que o “comentário ao jogo funciona como *tradução* do que se vê em campo” (p. iii).

para ambas as partes. Ou, em outras palavras, partindo de um pensamento analógico capaz de mostrar como os universos do futebol e da tradução, apesar de aparentemente tão incomensuráveis, têm mais coisas em comum do que poderíamos suspeitar, trata-se, aqui, de identificar perspectivas de aproximação que nos permitam tomar por base algumas das experiências do domínio da tradução para enxergar, com outros olhos, algumas das questões do mundo do futebol, e vice-versa.

À primeira vista, tradução e futebol podem nos parecer duas grandezas incomensuráveis e, portanto, intraduzíveis uma na outra. Cabe lembrar, no entanto, que é justamente diante de intraduzibilidades desta e de outras ordens que se impõe, nos domínios da tradução, um trabalho (*poiesis*) que Paul Ricoeur chamará de a *construção do comparável*,<sup>2</sup> esforço responsável pela instauração e delimitação de um espaço de possibilidade para aproximações como as que aqui se propõem. Contudo, trata-se de fazer isso, *ça va sans dire*, sem jamais perder de vista que futebol é futebol, tradução é tradução.

#### **NO CORPO A CORPO DA TRADUÇÃO COM O FUTEBOL**

Para começo de partida, as diferentes ordens de sentido que os significantes *tradução* e *futebol* implicam podem fazer, aqui, as vezes de um pontapé inicial. O termo *tradução*, em língua portuguesa, significa tanto uma *prática*, protagonizada em geral pela figura do sujeito tradutor, quanto um *objeto*, no sentido de algo que podemos chamar de resultado ou produto da prática tradutória – ou seja, o texto traduzido, que, por sua vez, será objeto da produção de sentido dos leitores em geral e da crítica. O termo *futebol*, em português, suscita acepções dessa mesma ordem, uma vez que pode ser entendido igualmente como *prática* (desportiva), desempenhada, em sua condição de esporte coletivo, pela figura da equipe, da seleção ou do time – mais ou menos dependente da figura individualizada de um ou mais protagonistas –, mas também como *objeto*, como o resultado ou o produto dessa prática desportiva: seja no sentido de um objeto de considerável

---

<sup>2</sup> RICOEUR. *Sobre a tradução*.

investimento emocional por parte do espectador (como entretenimento ou como guerra, como passatempo ou como paixão), seja no sentido de um objeto que tem imenso valor de mercado, seja no sentido do objeto de inumeráveis análises e discussões por parte da crítica esportiva.

É interessante notar como diversas manifestações da crítica (mais ou menos profissional, mais ou menos fundada no senso comum), na condição de práticas discursivas que se organizam em torno tanto do objeto futebol (crítica esportiva e o senso comum) quanto do objeto tradução (crítica de tradução, crítica literária, mas também o senso comum), partilham de uma condição comum: seus objetos, assim como as narrativas que se projetam a partir desses objetos, estão longe de se apresentar como inequívocos. Basta lembrarmos que, diante da pergunta “como foi aquele jogo da sexta-feira, dia 06 de setembro?”, impõem-se as respostas mais distintas, a depender de quem as responda: para uns, foi um jogo que a Holanda ganhou, para outros, foi um jogo que a Alemanha deixou de ganhar – e, nessa perspectiva, apesar de o placar acusar um manifesto 4 a 2 em favor dos visitantes, ninguém de fato parece ter perdido esse jogo realizado no Volksparkstadion, em Hamburgo.

Ou seja, em sua própria dinâmica analítica, é como se a crítica de futebol explicitasse, de maneira muito singular e patente, um traço que é notoriamente fundador de todo esforço de ordem *crítica*, independentemente da especificidade de seu objeto, a saber: a impossibilidade de distanciamento absoluto na relação objeto-sujeito, bem como a conseqüente e implacável interferência do sujeito sobre o objeto.

Diante disso, é importante lembrar que o jogo de futebol só se apresenta como objeto na medida em que é circunscrito por uma instância observadora, por um olhar. É esse olhar, na singularidade com que delimita, recorta e circunscribe o jogo, que constrói o objeto: o jogo como o percebemos. Isso não significa, obviamente, que o olhar se baste a si mesmo, quase como se à revelia do *jogo*; mas, por menos que se costume admitir, o que se coloca em questão, de fato, nas dinâmicas da crítica, são sempre as percepções do jogo, não o suposto *jogo em si*.

Ainda que não se explicita do mesmo modo, a crítica de tradução também opera em uma condição muito semelhante. E apesar de se constituir como objeto

de outra natureza, predominantemente verbal, a tradução – na forma do texto traduzido – também não se apresenta como um objeto inequívoco. O olhar do crítico é marcado por suas expectativas e convicções pessoais, delimitado por certa abertura ou pela resistência a propostas novas e, especialmente, determinado pelo modo como ele entende o fenômeno tradutório, podendo se revelar mais ou menos permissível à força transformadora da tradução, mais ou menos sensível às especificidades da obra traduzida. Assim, o olhar do crítico constrói, a partir de sua percepção do texto traduzido, um objeto que é representativo da singularidade desse olhar. E, como na crítica esportiva, é sempre também essa percepção que se coloca em questão nas dinâmicas da crítica de tradução.

Para o leitor do texto traduzido, a tradução é o que ele é capaz de inferir a partir dela nos limites da sua condição de instância receptora, já que, via de regra, esse leitor (especialmente o leitor não profissional) não costuma ter acesso ao texto na língua de partida, nem a outras balizas ou parâmetros técnicos de avaliação que não os seus próprios, limitados à esfera do gosto, das convicções pessoais e de sua experiência como leitor, determinantes já no próprio momento da escolha dos títulos a serem lidos. Para o espectador de um jogo de futebol, a condição não parece ser tão distinta. Se por um lado é preciso lembrar que existem espectadores capazes de se entusiasmar com qualquer jogo de futebol (assim como leitores que leem de tudo), independentemente de quem jogue, por outro lado tudo indica que a maioria dos espectadores (especialmente os espectadores não profissionais) costuma se concentrar apenas nos jogos de seus próprios times. E se a crítica esportiva produz uma quantidade imensa de narrativas que ressignificam obsessivamente os mínimos detalhes de um determinado jogo, enriquecendo significativamente a cena de recepção do espectador não profissional, vale lembrar que também essas narrativas são produzidas a partir de um objeto que está longe de ser inequívoco – condição de que se valem, produtivamente, as inúmeras mesas-redondas do debate futebolístico.

É nessa condição comum que um espectador se refere a uma partida de futebol como um “jogo ruim”, do mesmo modo que um leitor se referirá a um texto traduzido como uma “má tradução”. E é também nessa condição que o torcedor da equipe adversária poderia se referir a essa mesma partida como “um bom jogo” –

independentemente de a crítica esportiva avaliá-lo como “um jogo pensado, em que os times se respeitam muito” ou como “um jogo travado, sem muita iniciativa de ambas as partes” –, do mesmo modo que um outro leitor se referirá àquele mesmo texto traduzido como uma “boa tradução” – independentemente de a crítica especializada avaliá-lo como “um projeto criativo e audacioso” ou como “uma proposta que toma liberdades demais”.

A prática da tradução e a prática do futebol também podem ser aproximadas a partir do modo como se organizam em universos mais ou menos amadores e mais ou menos profissionais. Se, no futebol, ao lado do jogador profissional, temos a clássica figura do peladeiro de final de semana, na tradução temos, por contraste ao tradutor profissional, a figura do tradutor eventual e, não raro, voluntário, que empenha seu tempo, por exemplo, na tradução de livros do seu autor preferido ou das legendas de suas séries televisivas prediletas.

Não raro, a primeira experiência com a prática tanto do futebol quanto da tradução se dá já na infância ou na adolescência e de maneira informal ou, digamos aqui, amadora. Às vezes o contato se dá no ambiente escolar, nas aulas de línguas estrangeiras, no caso da tradução, e nas aulas de educação física, no caso do futebol. Mas, como sabemos, é também muito comum que essa experiência aconteça fora da escola, como uma brincadeira de natureza mais física, no caso do futebol jogado pelos campinhos do mundo, ou como uma brincadeira de natureza mais exploratória e criativa, quando o adolescente começa a se servir de seus conhecimentos de língua estrangeira para, por exemplo, traduzir a letra de uma canção da banda de sua predileção ou decifrar comandos e instruções de seus games.

Vale lembrar, também, que, embora existam escolas de formação de tradutores (em geral, em nível universitário) e de jogadores de futebol (em geral, para crianças e adolescentes), nem todos os tradutores profissionais ou jogadores profissionais de futebol passam por algum processo de educação formal – quanto a isso temos também diferenças substanciais, hoje ainda, quando comparamos o contexto de profissionalização de tradutores e de jogadores de futebol no Brasil e na Europa. E ainda: como em várias outras atividades, tanto no futebol quanto na tradução também é possível encontramos “talentos” que nunca tiveram uma educação formal específica, assim como vários profissionais que dedicaram anos a sua educação formal, mas que

não são necessariamente capazes de traduzir essa história de formação em um grau de excelência na performance de sua prática profissional.

O mesmo vale para a tão variegada e heterogênea instância da crítica que se debruça sobre os objetos da tradução e do futebol, em que se misturam de maneira ainda mais complexa as esferas do amadorismo e do profissionalismo. E isso se dá de modo tão patente, que não seria demasiado afirmar, reiterando uma formulação algo proverbial, que, sobre tradução e sobre futebol, todo mundo sempre parecer ter uma opinião formada, independentemente de ter ou não qualquer formação específica ou experiência profissional mais diretamente ligada a essas práticas.

Se há alguns pontos de contato entre os universos paradigmaticamente amadores e profissionais da tradução e do futebol, também as manifestações daquilo tudo que fica a meio caminho entre o amadorismo e o profissionalismo parecem revelar algumas semelhanças nesses dois domínios. Basta nos afastarmos das cenas milionárias e de maior prestígio do futebol mundial para encontrarmos, nos interiores do Brasil e de inúmeros outros países mundo afora, jogadores amadores que atuam em regime semiprofissional – não raro *sub-profissional* –, sem salários ou com salários que os obrigam a manter outras atividades profissionais, o que também vale para a máquina administrativa de muitos clubes, que não raro é movida quase exclusivamente pela boa vontade e pelo amor à camisa de um pequeno grupo de torcedores fiéis.

Ainda que em contextos sociais bastante diferentes destes e, em geral, bem menos desprivilegiados, algo parecido ocorre também quando a prática da tradução é apenas mais uma atividade – e nem sempre a atividade central – na vida daqueles que traduzem, ao ponto de esses indivíduos nem mesmo se reconhecerem como tradutores profissionais. Ou quando, marcada pela ação predadora dos mais diversos tipos de empregadores – das grandes agências de tradução a algumas editoras mais draconianas –, a tradução, em certos campos de especialidade, acaba não se configurando como uma atividade profissional com um retorno financeiro digno, simplesmente deixando de ser atraente para profissionais qualificados e caindo sistematicamente nas mãos de tradutores amadores, ou daqueles que simplesmente não têm outra opção.

É claro que, no contexto dessas comparações, não podemos deixar de lembrar que, mesmo no mundo profissionalmente formalizado da prática da tradução, nenhum tradutor ganha o que pode ganhar um jogador que atua na elite do futebol mundial. Mas se desconsiderarmos esses jogadores privilegiados que, no próprio mundo profissional do futebol, representam apenas a minoria absoluta no contexto muitas vezes mais amplo das legiões de jogadores que se aventuram a seguir essa carreira, talvez os mundos da tradução e do futebol, guardadas as devidas proporções, não estejam economicamente tão distantes. Cabe lembrar, aqui, que, para muitos tradutores do campo da tradução editorial, por exemplo, conseguir um contrato com uma editora forte em sua área pode ser uma experiência tão decisiva para a sua carreira quanto aquela de um jogador que assina um contrato com um clube mais bem estabelecido no mundo do futebol.

É bem verdade que a tradução não parece mobilizar aquelas multidões de torcedores que se deixam levar pela força dos eventos futebolísticos, mas que apenas muito improvavelmente se deixariam afetar pelo desfecho da tradução de mais um clássico da literatura mundial. No entanto, se considerarmos o montante das práticas de tradução e interpretação ao redor de todo o planeta e em todos os campos de especialidade, teremos de lidar com o fato de que, como seres humanos, traduzimos muitas vezes mais do que jogamos futebol.<sup>3</sup> Sendo assim, seria perfeitamente plausível supor que a ação do que juntas mobilizam todas as práticas tradutórias, embora muito menos visível, tenha um impacto gigantesco e insuspeitável sobre os mais diversos âmbitos de toda a humanidade; um impacto que poderíamos considerar, no mínimo, como da ordem de algo comparável àquele que nos parece mais visível, mobilizado pelo futebol – ainda que esses impactos, é claro, sejam de naturezas bastante distintas.

Também em torno da questão da violência parece caber uma aproximação entre o mundo da tradução e o mundo do futebol, mesmo que resguardadas, aqui, as especificidades de cada um desses dois domínios. Se pensarmos em uma

---

<sup>3</sup> Sem dispor aqui de um dado numérico de base, talvez caiba lembrar, ao menos, dos incontáveis contextos futebolísticos, especialmente quando internacionais, em que a tradução se faz fortemente presente, seja na transmissão de um jogo, nas entrevistas de jogadores ou mesmo na comunicação do técnico com seu time. Por outro lado, precisaríamos de muito mais criatividade para identificar contextos em que o futebol se faz presente nos mais diversos âmbitos da prática da tradução.

violência extracampo, assim por dizer, não nos parece que ninguém hoje em dia cometa, em nome da tradução, os atos violentos que alguns torcedores fanáticos costumam cometer em nome do futebol. Mas se voltarmos um pouco no tempo e lembrarmos, por exemplo, de quantos tradutores foram ameaçados com a fogueira ou acabaram tendo de fato esse destino fatal, logo constataremos que, embora de modos bastante diversos e em épocas distintas, muita violência se produziu também tendo a tradução por pretexto.

Quanto ao que acontece dentro do campo, o futebol, em sua condição de esporte de contato direto, tem uma dimensão violenta que lhe é inegavelmente inerente. Como possível herdeiro de práticas ritualísticas que, não raro, teriam quase sempre desfechos fatais para alguma das partes envolvidas, o futebol moderno se fundaria numa espécie de prática regulada dessa violência.<sup>4</sup> E quanto à tradução?

Para leitores não profissionais, talvez não pareça muito evidente que possamos nos referir à prática tradutória como algo comparavelmente violento, mas a tradução pode, sim, ser entendida como um ato de violência. Não porque o tradutor esteja acostumado a cometer faltas duras no autor por ele traduzido, tampouco porque ele costume exagerar no pé alto ou no entusiasmo desmedido com que entra de carrinho no texto original. Embora os tradutores estejam sempre sujeitos a essas jogadas perigosas, a violência na tradução, como no futebol, não reside somente nos abusos e excessos, mas também em algo que lhe é próprio. E se no futebol a violência do jogo está ligada ao empenho da força bruta no enfrentamento do adversário, na tradução a violência passa justamente pela compreensão de que todo gesto tradutório é sempre, invariavelmente, um gesto apropriador.<sup>5</sup>

Isso porque traduzir o outro é sempre, necessariamente, tirar do outro aquilo que lhe é o mais próprio: traduzir o outro é desprovê-lo de seu próprio corpo, do corpo de sua língua, para, em seguida, dizê-lo de novo na língua da tradução, numa outra língua que não é mais a sua. E na tradução, como no futebol, esse regime de violência é a condição básica de operação: não se trata de um estigma, de uma falta, de uma falha, de um defeito. Simplesmente não há como a tradução não ser violenta nesse sentido específico, do mesmo modo como não há

---

<sup>4</sup> Como descreve Wisnik, em seu livro *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*.

<sup>5</sup> Cf. CARDOZO. Tradução, apropriação e o desafio ético da relação.

futebol sem a violência que é sempre inerente ao contato direto. Para além dessa condição inexorável, a questão que se coloca, tanto na tradução quanto no futebol, passa pela indiferença em relação a essa natureza violenta: no futebol, isso pode levar, por exemplo, a um uso desmedido da força, que não pesa as possíveis consequências de um ato para o jogador adversário; na tradução, a indiferença a essa condição apropriadora de todo gesto tradutório pode acabar encerrando a tradução num regime de indistinção do outro, que pode ser fatal para uma prática, cuja principal razão de ser é justamente a construção de uma relação com o outro.

Daí a necessidade de se impor uma prática regulada da violência, que é mais explícita no futebol do que na tradução. No futebol, como diria um comentarista brasileiro: “a regra é clara”. Na sua condição de jogo, o futebol se organiza em torno de uma série de regulamentações que devem ser seguidas à risca. E sempre que desrespeitadas, cabe alguma forma de penalização. Já na tradução – a despeito das inúmeras tentativas ancestrais de sintetizar as regras de ouro do *bem traduzir* –, as regras não estão necessariamente escritas, mas, de algum modo, elas estão sempre dadas. Cada campo de especialidade tem os seus modos de fazer a coisa e, uma vez que respeitados os limites do aceitável em cada contexto específico, podemos dizer que tudo na tradução é possível. Assim, se a tradução de textos mais normatizados costuma ser menos permissível a variações do modo de traduzir, a tradução de textos literários, por exemplo, muito em razão da própria natureza (artística, estética) do objeto da tradução, costuma conviver com uma paleta muito mais ampla de possibilidades, de modo que, em alguns casos, até mesmo propostas tradutórias que transgridem a própria ideia de adesão às normas, podem se tornar perfeitamente aceitáveis.

Diante disso, por exemplo, se no futebol a ideia do que seria uma falta grave ou um impedimento é sempre relativamente bem definida – por mais que saibamos o quanto os casos limítrofes podem até mesmo tender ao indecível na hora do apito –, na tradução as noções reguladoras análogas, ao menos do ponto de vista de uma avaliação mais técnica, costumam depender da relação entre a proposta de tradução (o escopo) e o contexto específico em que a tradução se realiza. Assim, o que em determinadas áreas de especialidade pode constituir falta grave na tradução (como, por exemplo, o relaxamento de certa precisão

terminológica), pode nem mesmo chegar a se caracterizar como uma falta em outras áreas do exercício profissional da tradução.

E o que dizer do gol? Se o gol, em geral, é definido como o grande objetivo de todo jogo de futebol – de fato, ao menos do ponto de vista de seu desfecho, o gol é sempre o *goal* do jogo –, talvez seja preciso admitir que não encontramos analogia tão precisa em todos os campos de especialidade da tradução. Podemos dizer, sem qualquer prejuízo de valor, que os objetivos que costumam pautar a tradução de um texto de instrução são mais previsíveis e delimitados, simplesmente em razão da natureza mais previsível e delimitada das próprias práticas de leitura e uso desse gênero textual. Já os objetivos da tradução de um livro de poemas, por exemplo, podem ser os mais diversos, especialmente se levarmos em conta a variedade imensa de questões de ordem crítica que podem estar em jogo; além disso, esses objetivos, nos raros casos em que são suficientemente explicitados, costumam ser formulados de modo muito mais vago do que a poderosa síntese alcançada pelo horizonte teleológico de uma *bola na rede*.

Diante disso, porém, caberia arriscar aqui ao menos uma hipótese: na tradução literária, o tradutor pode se empenhar para garantir uma postura cuidadosa e atenta, conferir o máximo de liberdade ao setor de criação e dar toda a precisão possível as suas jogadas de finalização, mas os seus gols, estes só se concretizariam, de fato, nas mãos dos leitores. E assim como pode ser frustrante ler um texto em tradução e perceber como o tempo todo a bola só bate na trave, também pode ser muito prazeroso ler uma tradução e perceber que estamos diante de uma goleada, ou que acabamos de experimentar a leitura de um gol de placa.

Contudo, há que se considerar, ainda, que a tradução não é exatamente um jogo, pois se, apesar do tão pouco lembrado espírito esportivo, no futebol as equipes entram em campo para vencer, às vezes se satisfazendo com um empate e lamentando sistematicamente suas derrotas, na tradução, mesmo sabendo-se que a coisa nunca fica no 0 a 0 e que a tradução costuma ser estigmatizada sob o signo da derrota, a verdade é que todo mundo sempre ganha de alguma maneira. Ou, para dizer o mesmo de outro modo: no mundo da tradução, só se perde quando se deixa de traduzir.

A essa altura, seria preciso colocar a própria ideia de jogo em questão. Afinal, ninguém traduz alguma coisa como se jogasse *contra* um adversário – o texto original não se impõe ao tradutor como um time a ser batido. Mas ao invés de simplesmente abrir mão da ideia do jogo para pensar a tradução – por não se tratar exatamente de um jogo análogo ao futebol quando traduzimos –, talvez seja possível pensar que se trate apenas de um jogo um pouco diferente, pois se podemos dizer que, no futebol, jogar *com* outro time é também sempre jogar *contra* esse time,<sup>6</sup> no caso da tradução, *jogar com* o outro não costuma significar um jogo *contra* o outro.

Talvez possamos entender essa diferença à luz da discussão das noções de ritual conjuntivo e ritual disjuntivo, propostas pelo antropólogo Arlei Damo. Partindo de Lévi-Strauss, Damo afirma que o jogo, entre alguns povos ditos primitivos, pode ser chamado de um ritual conjuntivo, dado que “as partes estão inicialmente em desequilíbrio, entre iniciados e não-iniciados, por exemplo, e ao fim são integradas sob uma mesma categoria”.<sup>7</sup> Já no jogo dos ocidentais, segundo Damo:

[...] parte-se de uma situação de presumida equivalência entre as partes, reforçada pela existência de regras que devem ser respeitadas pelos contendores, para, ao final, produzir-se a assimetria, uma disjunção entre vencedores e vencidos. [...] Daí porque o jogo é chamado de *ritual disjuntivo*.<sup>8</sup>

Diante disso, se aceitamos a leitura de Damo do jogo de futebol como ritual disjuntivo, como acontecimento que, ao fim e ao cabo, deve culminar em uma forma clara de separação dos supostos iguais, de distinção entre as partes que se supunha de mesmo valor, talvez a tradução – enquanto vislumbrada no que ela tenha de jogo e rito – possa ser pensada a partir dessa outra categoria, a de ritual conjuntivo: ao menos no sentido *poiético* da conjunção, no sentido da construção e do estabelecimento de uma ligação entre o que se pressupunha diferente, incomensurável, intraduzível, enfim, no sentido da *poiesis* de uma relação entre o que não se presumia possível colocar em relação.

<sup>6</sup> José Miguel Wisnik fala do futebol como um jogo em que “a existência do outro me nega e me afirma ao me negar” (WISNIK, 2013, p. 35), como um jogo que “atualiza a necessidade de que haja um outro para que eu seja, de que um outro me afirme ao me negar” (p. 51).

<sup>7</sup> DAMO. Futebol e estética, p. 85.

<sup>8</sup> DAMO. Futebol e estética, p. 85. (Grifo meu).

## CONCEPÇÕES DE FUTEBOL, CONCEPÇÕES DE TRADUÇÃO

Apesar de ter me referido até aqui à tradução e ao futebol sempre como termos inequívocos, é preciso levar mais centralmente em conta, nesse exercício de aproximação, que existem concepções diferentes de tradução, assim como também podem existir concepções diferentes de futebol. E se admitimos que o modo de entender a tradução e o futebol pode variar, também devem variar na mesma medida os nossos olhares sobre eles enquanto objetos.

Há visões correntes de tradução, muito presentes no espaço coletivo que chamamos indistintamente de *senso comum*, segundo as quais, em síntese, a tradução se reduziria à ideia de uma transferência de sentidos de determinado texto de uma língua para a outra. Ao tradutor caberia, do ponto de vista dessas visões de tradução, processar tal transferência da melhor forma possível, fazendo de tudo para evitar perdas e distorções, de modo que o texto traduzido se dispusesse idealmente numa relação de equivalência de 1:1 com o texto original, cumprindo o que seria o seu propósito mais importante, a saber, o de ser exatamente o mesmo texto original na língua estrangeira.

Nessa perspectiva, qualquer desvio que deixe a tradução aquém desse ideal, em geral, é considerado um defeito, uma falha, uma falta. E como, dentro dos limites e das possibilidades da condição humana, nenhum tradutor é de fato capaz de cumprir perfeitamente esse ideal, a tradução acaba sendo estigmatizada como algo inferior, menor, secundário, derivado, o que talvez explique o tom resignado do velho provérbio italiano, *traduttore, traditore*, que inscreve a tradução numa condição inalienável de negatividade. Trata-se, nesse caso, da síntese genérica de uma concepção de tradução de viés predominantemente essencialista, que encontra ainda hoje inúmeras variações tanto no senso comum quanto, de forma mais bem elaborada e sofisticada, no próprio mundo acadêmico.

A essa visão essencialista resistem ou se opõem inúmeras concepções contemporâneas que, a seu modo, incorporaram, no enfrentamento teórico e crítico das questões de tradução, as consequências diretas e indiretas da consideração da prática tradutória como uma atividade transformadora, interferente e de ordem crítica, atravessada pela complexidade da condição de sujeito do tradutor, delineada

pelos limites e pelas possibilidades de sua condição discursiva de prática *relacional* e inalienável da singularidade com que toda tradução se inscreve numa relação de tempo-espaço.

Das tantas características mais ou menos comuns dessas várias perspectivas, permito-me colocar aqui uma em destaque, a saber: a ideia – em grande medida auto evidente – de que traduzir é um modo de construir uma *relação* entre pelo menos dois textos, duas línguas, dois sujeitos, duas culturas etc. E, diferentemente daquilo que em geral se projeta a partir de uma visão dita mais essencialista, para a qual só costuma interessar *uma* forma de relação – a ideal, a da maior proximidade ou equivalência possível entre texto traduzido e original –, uma perspectiva centrada na *relacionalidade* da tradução poderia admitir que são inúmeras as formas de construir essa relação tradutória.

E ainda: se numa visão dita essencialista, o ideal de relação se daria como algo externo entre duas partes estanques e estáveis, para uma visão mais centrada na relacionalidade da tradução não haveria a possibilidade de uma relação que não implicasse a transformação das partes. Mais que isso, a relação seria constitutiva das partes. Em outras palavras: assim como o poeta escreve um poema para fazer poesia, o tradutor, nessa perspectiva, produziria o texto traduzido para fazer a tradução, para construir a relação entre o original e o seu texto *in statu nascendi*. Em outras palavras, a tradução seria a própria relação.<sup>9</sup>

Depois de tanto experimentar aqui as aproximações entre futebol e tradução, arrisco pensar que, a despeito de todas as diferenças entre esses dois domínios, as visões mais correntes de futebol também podem ser entendidas como de viés mais essencialista. E, nessa exata medida, talvez essas visões de futebol possam igualmente ser repensadas a partir de uma perspectiva mais centrada no caráter relacional do futebol.

Penso aqui especialmente nas manifestações da crítica esportiva, que, não raro, dão evidências claras de sua visada essencialista. Lembro, por exemplo, da Copa América realizada em junho de 2019. O Brasil vinha de uma série de resultados tímidos e sem brilho, a credibilidade do técnico, criticado pela

---

<sup>9</sup> Cf. CARDOZO. Os estudos da tradução no contexto das Humanidades: práxis tradutória como experiência positiva dos limites da relação com o outro.

incapacidade de inovação, parecia decair progressivamente, até que se deu o jogo contra a seleção do Peru que, por sua vez, vinha construindo uma campanha ascendente na competição e tinha, então, a mesma pontuação que o Brasil, depois de uma vitória e um empate. Atendendo às manifestações do público e da crítica – é preciso lembrar que essa Copa América se realizou em território brasileiro –, o técnico Tite montou finalmente uma configuração um pouco mais ofensiva e o resultado, inequivocamente comemorado como mérito direto do técnico, foi uma goleada brasileira por uma diferença de cinco gols, o que confirmaria, segundo a maioria da crítica, a inequívoca superioridade brasileira em relação à seleção do Peru.

Ora, essa avaliação, como de praxe, parece tributária de uma concepção segundo a qual o Brasil seria sempre o Brasil e o Peru, nada mais que o Peru, independentemente de quem jogue esse jogo, independentemente do momento atravessado pelas equipes que de fato jogam essa partida. Se o Brasil ganha, confirma seu favoritismo, se o Brasil perde, é porque não conseguiu traduzir em gols a sua superioridade histórica. Ou seja, nessa relação particular Brasil-Peru, a exemplo de tantas outras semelhantes, há uma espécie de naturalização da superioridade brasileira, justificada, geralmente, pela longa história de conquistas, mas igualmente essencializada nessa imagem de um Brasil sempre maior que o outro (no caso, o Peru).

Nesse jogo, em particular, foram poucos os comentaristas que lembraram da existência de uma outra equipe do outro lado do gramado. E foram poucos os que lembraram, ainda, que se o Brasil não parecia andar muito bem das pernas, não era apenas em razão de uma geração menos brilhante de jogadores ou pela falta de ousadia de seu técnico, mas, também, porque muitas das equipes, contra as quais o selecionado brasileiro vinha jogando anteriormente, optavam por uma formação mais defensiva, o que deixava o jogo mais fechado; e era especialmente diante desse ferrolho defensivo que o Brasil não vinha se dando muito bem. Já o Peru, como arguiram apenas alguns poucos críticos naquela ocasião, começava então a ganhar mais segurança. E diante de um Brasil que não parecia ameaçar ninguém, o técnico resolveu optar por uma formação menos defensiva, abrindo o ferrolho de sua defesa.

Assim, o resultado positivo para o Brasil também poderia ser entendido, alternativamente, numa perspectiva *relacional*: o jogo se deu, como não poderia deixar de ser, a partir do modo de relação das duas equipes em campo, não como confirmação de um valor essencial construído historicamente. O Brasil daquele jogo era o Brasil da relação com o Peru, e o Peru era o Peru da relação com o Brasil que entrou em campo; o Brasil montou uma equipe ainda mais ofensiva para enfrentar uma equipe peruana que, apostando também em sua força ofensiva (protagonizada pela figura do jogador Guerrero), deixou de concentrar a atenção em sua retaguarda. E com a defesa peruana menos engessada, o Brasil não encontrou a mesma dificuldade que havia encontrado em outras partidas, do mesmo modo que o Peru não conseguiu impor sua força ofensiva do modo como vinha fazendo até então.

Vale lembrar que o Peru seguiu adiante na competição (o que atesta minimamente o bom rendimento da equipe dita tão limitada) e, ao lado justamente do Brasil, chegou à final da Copa América: um jogo em que as duas equipes, dispostas de maneira completamente diferente daquela do primeiro jogo, fariam uma partida bem mais disputada, que o Brasil acabou vencendo por um placar menos elástico (3 a 1).

Esse Brasil *versus* Peru, visto numa perspectiva que essencializa os dois selecionados, é um jogo que se repete incessantemente com outros nomes, sempre que um time multicampeão enfrenta uma equipe dita de menor expressão. E nessa perspectiva, é como se pudéssemos dizer que a equipe favorita nunca perde: ou ela ganha, quando de fato ganha; ou ela deixa a vitória escapar, quando empata; ou ela simplesmente não consegue confirmar seu favoritismo, quando ela perde. Numa perspectiva relacional, no entanto, o jogo não pode ser compreendido apenas a partir do chamado peso da camisa. O jogo se dá a partir do que a equipe A é capaz de fazer na relação de jogo com a equipe B e vice-versa, independentemente da história de conquistas e do valor do elenco de cada equipe. Se o jogo é mais equilibrado, é porque as duas equipes se enfrentam ou se evitam de igual para igual. Se uma das equipes se impõe de maneira absoluta, é somente porque a outra equipe acabou cedendo ou não conseguiu se impor.

É bem verdade que o resultado no placar nem sempre é representativo do que acontece ao longo de um jogo.<sup>10</sup> Mas quando este é o caso, uma perspectiva relacional, ao colocar em questão uma visão essencialista do futebol, talvez possa nos levar a repensar o modo como avaliamos algumas partidas. Por exemplo: do encontro entre duas seleções como a da Alemanha e a do Brasil, jogo que chamaríamos inequivocamente de um clássico do futebol mundial, por força do que essas seleções representam historicamente, costumamos esperar muita coisa. E se o resultado de um jogo como este é um fatídico 7 a 1 para a Alemanha – e ainda podemos dizer sem grande restrição que o resultado foi, sim, representativo do que aconteceu ao longo dos 90 minutos –, teremos de admitir, numa perspectiva menos essencialista, que isso só aconteceu porque uma das equipes simplesmente não existiu como equipe em campo – no caso, o Brasil. Ou seja, o 7 a 1 poderia ser entendido, desse ponto de vista, como sintomático de uma partida em que a seleção alemã simplesmente não encontrou resistência alguma. Aliás, muitos críticos afirmaram, na época, que o placar só parou nisso porque a Alemanha desacelerou seu ritmo na segunda metade do jogo. Em outras palavras: aquele foi inequivocamente um grande resultado, mas não necessariamente uma grande vitória – como talvez pudesse ter sido o caso, se o Brasil tivesse jogado efetivamente aquele jogo e a Alemanha tivesse ganhado por, digamos, 3 a 1 ou algum placar semelhante.

Numa perspectiva essencialista, essas diferenças de resultado são tributadas invariavelmente ao imponderável do futebol, ao fato de que o futebol seria sempre uma caixinha de surpresas, ou a uma pretensa superioridade inequívoca de uma das partes. De fato, o futebol é um jogo fascinante também pelo quanto nem sempre a superioridade técnica consegue ser determinante para o resultado de um jogo. Mas uma perspectiva relacional do futebol talvez conseguisse reunir subsídios para a compreensão do jogo não apenas como confirmação de valores essenciais, ainda que historicamente construídos, mas também como o resultado de uma *mise en rapport* de duas equipes ao longo de uma história de 90

---

<sup>10</sup> “O placar final não traduz, em hipótese alguma, os desdobramentos da partida”. DAMO. Futebol e estética, p. 85.

minutos. E se para o teórico da tradução Antoine Berman “La traduction est une ‘mise en rapport’, ou elle n’est rien”,<sup>11</sup> talvez possamos nos valer dessa mesma lição bermaniana para repensar, não apenas o modo como entendemos a tradução, mas também a própria natureza relacional do jogo de futebol.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

BERMAN, Antoine. **L'Épreuve de l'étranger**. Culture et traduction dans l'Allemagne romantique. Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin. Paris: Gallimard, 1995.

CARDOZO, Mauricio Mendonça. Tradução, apropriação e o desafio ético da relação. In: OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de; LAGE, Verônica Lucy Coutinho. (Orgs.). **Literatura, crítica, cultura I**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2008, p. 179-190.

CARDOZO, Mauricio Mendonça. Os estudos da tradução no contexto das Humanidades: práxis tradutória como experiência positiva dos limites da relação com o outro. In: GONÇALVES, Ana Beatriz; CARRIZO, Silvína Liliana; LAGE, Verônica Lucy Coutinho. (Orgs.). **Literatura, Crítica e Cultura III**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010, p. 143-160.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. **São Paulo em Perspectiva**, Fundação Seade, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 82-91, jul.-set., 2001.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Tradução de Patrícia Lavelle, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SCHWARTZ, Christian. **Futebol em tradução**: narrativas impressas como tradução do acontecimento futebolístico e imaginação do estilo em comunidades locais e nacionais. Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-graduação em História Social da USP, São Paulo, 2014.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 15 dez. 2019.  
Aprovado em: 03 fev. 2019.

---

<sup>11</sup> BERMAN. *L'Épreuve de l'étranger*, p. 16.